

BREVES COMENTÁRIOS
SOBRE A SODOMIA
EM *À SOMBRA DO HOLOCAUSTO*,
DE NEIDA LÚCIA MORAES

BRIEF COMMENTS
ON THE SODOMY
IN *À SOMBRA DO HOLOCAUSTO*,
BY NEIDA LÚCIA MORAES

Anaximandro Oliveira Santos Amorim*

A marginalidade de uma marginalidade

1. Diz-se, *grosso modo*, homossexual aquele cujo desejo dirige-se a pessoas do mesmo gênero. Segundo o dicionário *Aulete*: “1. Ref. a homossexualidade (relação homossexual). 2. Que sente atração por e/ou tem relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. 3. Pessoa homossexual” (AULETE, 2022). Assim,

Ao longo do tempo, usou-se várias palavras para descrever o que chamamos de experiências LGBTQIAPN+ - sodomitas e safistas a *mollies*, tríbades, uranianos e bedaches. [Também há] a linguagem

* Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

moderna (...) homossexual, lésbica, não binários, cisgênero (em seus contextos acadêmicos ou quando é a identidade escolhida por uma pessoa (ANDREWS, 2024, p. 13).

Ser homossexual (ou LGBTQIA+, *queer*, gay, lésbica e toda sorte de substantivos que podem servir de sinônimo para os indivíduos desta comunidade) sempre foi, durante a História, uma questão de lidar com preconceito e sobrevivência. Indubitavelmente, ainda hoje — com tantos direitos e garantias conquistados especialmente após o movimento Stone Wall —, indivíduos homossexuais vivem, em sua maioria, à margem da sociedade, quando, em muito, não são aniquilados ou, pelo menos, silenciados¹.

No século XVIII, a prática sexual entre iguais era considerada criminoso. Como explica João Silvério Trevisan,

As Ordenações Manuelinas foram o mais antigo Código Penal aplicado no Brasil, pois vigoravam em Portugal à época do descobrimento. Nelas, a sodomia passou a ser equipada ao crime de lesa-majestade. Além da pena de fogo, foi acrescentado como punição o confisco dos bens e a infâmia sobre os filhos e descendentes do condenado. Mas as *Ordenações Filipinas* que tiveram importância maior, por terem sido aplicadas entre nós durante mais de dois séculos. As *Filipinas* continuaram vigorando ainda no Brasil independente, apartadas para a Constituição do Império, de 1823 (TREVISAN, 2019, p. 161).

Tal se dá, também, no âmbito da literatura. A homoafetividade é retratada, nos textos literários, desde a Antiguidade (quando a homoafetividade era conhecida como *pederastia*), como os da epopeia de *Gilgamesh*; poemas de Safo de Lesbos e tantos mitemas gregos, num movimento de idas e vindas, com períodos de silenciamentos desse “amor que não ousa dizer o nome”, como falaria Oscar Wilde. Assim, a marginalização com que a afetividade LGBTQIAPN+ é retratada,

¹ Quanto a silenciamento, levamos, aqui, a título de exemplo, a política estadunidense *Don't ask, don't tell*, para ingresso nas forças armadas do país. Assim, em 21 de dezembro de 1993, o Departamento de Defesa dos EUA emitiu uma nova política para membros não heterossexuais das Forças Armadas. A Diretiva 1304.26, conhecida como 'Não pergunte, não fale' (DADT), permitia que homossexuais e bissexuais servissem às forças armadas desde que mantivessem sua orientação privada" (ANDREWS, 2024, p. 217).

durante a história da literatura, também encontra ecos no Brasil. *Bom crioulo*, de Adolfo Caminha, por exemplo, é um romance entre Amaro e Aleixo, que retrata a relação entre homens como um “pecado contra a natureza” e de um “crime contra o pudor e os bons costumes”, uma “doença”.

Tal tema, claro, não poderia passar despercebido na literatura brasileira produzida no Espírito Santo. Segundo Francisco Aurelio Ribeiro, em sua obra *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*, de 1996 (p. 60),

A literatura feita no Espírito Santo, até a década de [19]70, não registra o discurso homossexual ou a luta ocorrida pela sua emancipação. Amylton de Almeida (1946 [-1995]), escritor, jornalista, cineasta e crítico de cinema foi um dos precursores, em sua escrita, desse tipo de discurso².

É interessante notar que esse “discurso homossexual”, nos dizeres de Francisco Aurelio, vai ter manifestação livre em fins da segunda metade do século XX, ou seja: se o autor advoga a tese de que a literatura produzida no Espírito Santo é uma *marginalidade periférica*³ (dado que estamos circundados por “gigantes” da produção nacional, tanto do ponto de vista geográfico quanto cultural), o aparecimento de textos literários que retratam relações homoafetivas seriam eivadas de um caráter de *marginalidade dentro da marginalidade*! Isso levando em consideração séculos de escritos, uma vez que o Espírito Santo já aparecia, por exemplo, citado em literaturas epistolares, no diário de navegação de Pero Lopes de Souza, de 21 de abril de 1531 (NEVES, 2019, p. 11).

² Ainda de acordo com Ribeiro (1996, p. 61), “Em 1977, Amylton de Almeida publica seu segundo romance, 'A passagem do século', uma delirante narrativa sobre o amor, a paixão e sua perda. Tendo com o tempo ficcional o dia 31/12/1999, narra a passagem do século XX, que se vai junto com o amado. [...] Sem ser panfletário, Amylton de Almeida realiza com qualidade literária um romance psicológico que tematiza o amor entre dois homens, sem culpa, retratando o sentimento, a angústia, a perda, a solidão”.

³ Para Ribeiro (1996, p. 27), “[a] literatura produzida no Espírito Santo pode ser considerada “marginal” ou “periférica” por dois motivos: geográfica ou culturalmente. Do século XVI ao XX, toda a literatura feita por capixabas ou No Espírito Santo tinha como modelos os centros europeus - Lisboa, Madri ou Paris - ou nacionais - Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, vivendo às margens desses centros, geográfica ou culturalmente, por pretender copiar ou imitar aqueles modelos. No século XVI, a literatura brasileira apenas se iniciava, com a literatura jesuítica (catequética ou informativa) ou a literatura informativa sobre o Brasil”.

O objetivo deste artigo é, portanto, tecer breves comentários a respeito deste personagem, no romance *À sombra do holocausto*, de Neida Lúcia Moraes. Dizemos “breves” porque, certamente, dada a complexidade dele e da trama, poderíamos analisá-lo à luz de muitas teorias, incluindo teorias *queer*, que seriam, aliás, muito mais apropriadas neste caso. No entanto, fazemo-lo à luz da própria literatura brasileira do Espírito Santo, usando o conceito ribeiriano de *marginalidade periférica* como nosso maior referencial⁴.

Uma autora engajada

Neida Lúcia Moraes⁵, com 15 livros publicados, além de textos em vários jornais e revistas no Brasil e no exterior, centra sua produção na prosa, mormente no dito “romance histórico”. O livro, cujos textos analisamos neste artigo, *À sombra do holocausto*, foi originalmente lançado em 2010, sendo traduzido em inglês e espanhol. Ele é uma fusão⁶ de dois romances anteriores, a saber: *O mofo no pão* (1984) e *O sentido de distância* (1985) (RIBEIRO, 2014, p. 122). O primeiro foi, inclusive, traduzido, também, para o romeno e adotado no antigo vestibular da

⁴ O conceito de *marginalidade periférica*, cunhado por Francisco Aurélio Ribeiro, dá conta de que a “literatura do Espírito Santo continua à margem da produzida nos grandes centros do país, à periferia do Rio, São Paulo, Belo Horizonte ou Brasília, assim como a produção cultural de todos os estados brasileiros (RIBEIRO, 1995, P. 28). Este conceito, aplicado ao romance em comento, tem a ver com o livro como um produto cultural produzido dentro desta marginalidade. Além de outras referências sobre homoafetividade, que trazemos neste trabalho, Ribeiro também dá conta do discurso homossexual dentro não só da literatura, mas da literatura produzida no ES, como veremos, mais adiante.

⁵ Nasceu em Vitória/ES, em 12 de junho de 1929. Formada em História pela Ufes, foi professora desta instituição, além de ter ocupado cargos importantes na Administração Pública, tais como as diretorias da Biblioteca Pública Estadual; do antigo DEC (Departamento Estadual de Cultura, hoje, Secretaria de Estado da Cultura – Secult/ES); membro do CEC (Conselho Estadual de Cultura). Ocupa, também, as seguintes instituições culturais: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo; Sociedade Portuguesa de Estudo do Século XVIII; Academia de Letras de Cascais; e Academia Espírito-santense de Letras, sendo a terceira ocupante de cadeira de nº 19, cujo patrono é João Motta. Neida Lúcia foi a segunda mulher a ingressar nesta casa de letras, no ano de 1984 (RIBEIRO, 2014, p. 121).

⁶ Como declara a autora em entrevista ao blog *Outros 300* (JUBINI, 2012).

Ufes, na década de 1990. O volume usado para este artigo é, portanto, o original de 2010, publicado pela editora Lisa Livros, de São Paulo e conta com pouco mais de 400 páginas de texto, fora os anexos. Em 2017, a editora renomeou esta obra, dando-lhe o título de *O tempo entre sombras*.

Segundo o prefácio assinado pela própria autora, que ela chama de “Introdução”, a escrita da obra se deu

Durante uma temporada de estudos em Portugal tomei conhecimento nos arquivos da Torre do Tombo em Lisboa do processo de um réu brasileiro, cujas ideias me despertaram imediato interesse.

Tratava-se de um agricultor humilde, um homem como todos os outros, mas, ao mesmo tempo, diferente de todos os outros, com ideias sociopolíticas e filosóficas extraordinárias para o seu meio e o seu tempo.

O processo é limitado em informações. Diz onde o réu nasceu e viveu, o que fazia, e dá uma visão parcial das suas ideias, inclusive pela reação dos seus amigos (“Não posso suportar o teu jeito de dizer as coisas”) e até pela indignação do padre da localidade (“Pelo amor de Deus não vá falando essas coisas por aí”).

Nuno Alves de Miranda foi preso em 6 de outubro de 1710. O inventário inquisitório de bens foi realizado em 11 de outubro do mesmo ano de sua prisão. O auto de fé tem a data de 26 de junho de 1711.

Sabia ler e escrever, tinha ideais e crenças que levaram seus vizinhos a julgar que caminhava para a loucura completa. A desconfiança dos parentes e amigos, as reprovações do padre, as ameaças dos representantes da Inquisição, nada abalava a segurança de Nuno.

[...]

Resolvi escrever a história de Nuno, preenchendo os claros, as informações deficientes, da mesma maneira que ele fazia, isto é, criando as situações, imaginando fatos e desenlaces que poderiam ter acontecido. Então esta não será verdadeiramente a história de Nuno, mas é, sem dúvida, a história de vários cristãos-novos, anônimos e sofridos, perdidos por este imenso país delineado pelo Tratado de Madri de 1750 (MORAES, 2010, p. 12).

Nuno Alves Miranda é, portanto, o personagem real ficcionalizado pela autora. Ele é o protagonista da trama, que se passa no Espírito Santo, Rio de Janeiro, França e Portugal, e tem duas partes: uma, em que o desenvolvimento de uma paleta psíquica dos personagens se delineia; outra, mais focada na ação

propriamente dita. Moraes cria seu Nuno, recriando fatos e locais históricos da Vitória do século XVIII.

O livro, no entanto, possui vários núcleos. Chamamos o principal de “herege” (o de Nuno) e o secundário de “conspiracionista”. “Herege”, dada a forma com que Nuno via a religião e levava seu senso de religiosidade, fazendo-o cair nas garras da Inquisição. “Conspiracionista” porque nele estão os franceses, dentre os quais está o personagem sobre o qual nos debruçamos, Henri du Villiers.

Du Villiers é um francês, nascido em Tours e imigrado no Brasil colônia ainda na infância. É uma das peças-chaves do núcleo “conspiracionista” da trama, ajudando seus compatriotas no sonho de fazer da França a nova metrópole deste rincão sul-americano. O próprio fato de ser francês já o poria, naquele tempo, em uma posição delicada, vez que franceses só seriam “legalmente permitidos” no começo do século seguinte, se não fosse, também, por um outro motivo: Henri é sodomita e, como tal, viverá as agruras de sua inclinação sexual em um século assombrado por um implacável Tribunal do Santo Ofício.

Trata-se, como dito, de um personagem coadjuvante na história, mas que, na pena de Neida Lúcia, acaba ganhando um protagonismo inesperado e interessante. Podemos afirmar, portanto, que, em *A sombra do holocausto*, o leitor depara-se com um *protagonismo gay*, como fala (RIBEIRO, 1996, p. 57). Desta forma, a escritora, além de contribuir com este “discurso homossexual” (RIBEIRO, 1996, p. 57) em nossa literatura capixaba, dá voz a um personagem que também se nos parece uma imagem de um desses elementos aliados da sociedade, um *pária social*, tal como Nuno e outros personagens da história.

A escritora, portanto, contribui para diminuir a invisibilidade de toda uma comunidade. Pretendemos, neste estudo, além de nos debruçarmos sobre uma obra escrita no e sobre o nosso rincão capixaba, aumentar, um pouco mais, esta contribuição.

"Je vous présente monsieur du Villiers"

Neida Lúcia Moraes introduz o personagem Henri du Villiers ainda na primeira parte da obra *À sombra do holocausto*. Até então, du Villiers é chamado de "O mensageiro". Ele faz parte do núcleo conspiracionista da obra, composto, majoritariamente, por franceses, tal como ele. Aqui, um diálogo entre Henri e Gonçalo (MORAES, 2010, p. 95), outro que também faz parte do mesmo núcleo:

Gonçalo parou de repente, perguntou:

— Teu sotaque... És francês?

— Nasci na França, não sabias? Vim para o Brasil ainda adolescente, logo depois da morte do meu pai. Morei uns tempos no Maranhão, depois vim para o Rio.

— E teu nome? Falo sempre "o mensageiro", não sei como te chamas.

— Henri. Henri du Villiers.

— Disseram-me que eras descendente de franceses.

— Sim, toda minha família é francesa, nasci em Tours, na França — e sorrindo, brincalhão: — Queres saber? Mais dia, menos dia, vamos tomar conta desta Colônia, começando pelo Rio, duvidas?

Gonçalo olhou para ele, sem entender muito bem e foi dizendo:

— Também nasci na França, mas vim menino para o Brasil.

O diálogo aponta para um duplo estigma: tal como Henri, Gonçalo, também, é francês e, além disso, judeu, fato que será narrado em outras passagens da obra. É sabido que os franceses, no Brasil português, eram ilegais, e que a entrada deles se dá apenas a partir de 1816, portanto, oito anos após a chegada da Coroa Portuguesa à Colônia, oficialmente, com a Missão Francesa. A trama do romance de Moraes data de bem antes, do século XVIII. Assim, o simples fato de portar essa nacionalidade, já era, por si só, um problema.

Henri du Villiers também era judeu, ou seja, um "herege". Seu credo o punha, desta feita, na mira da Inquisição, fazendo-o um alvo político e religioso. A questão se aprofunda quando pensamos em sua inclinação sexual: Henri du Villiers é sodomita e esta característica vai sendo descortinada aos poucos, durante a trama:

Quando Henri lhe contara das suas atividades e pedira seu apoio, Bernardina não conseguira negar. Gostava imenso daquele menino grande, parecia o menino Jesus, o cabelo louro e anelado no alto da cabeça, já branqueado nas têmporas, os olhos esverdeados.

A princípio, estranhara o fato de ele não procurar as meninas. Ficava na sala fumando e olhando a fumaça subir, enquanto o amigo Daniel se punha de pândegas com Rosário de outras.

[...]

— Existem homens que são diferentes — pensava, acomodando-se no sofá — não gostavam de mulheres, não adiantava forçar, é pio — Completava: Seja feita a vossa vontade (MORAES, 2010, p. 175-176).

Deve-se explicar que Henri mora em uma pensão, no Rio de Janeiro, que também é um prostíbulo. Bernardina é a dona do estabelecimento. Inicialmente, há um estranhamento (e até uma antipatia) quanto à presença de Henri (MORAES, 2010, p. 124):

A antipatia por Henri foi geral. Dona Bernardina torcia o nariz à sua chegada. Dissera mesmo que o Gonçalo era gente boa, mas o tal do Henri era um tipo insuportável. As meninas fizeram coro, ele nem sequer olhava para elas, metido à besta, já haviam tentado seduzi-lo e nada, entrava apressado chamando por Gonçalo, cochichavam e saíam, às vezes só apareciam dias depois.

Porém, du Villiers consegue cativar o coração da própria dona da pensão que, sob a influência cristã, enxerga, na aparência do francês, uma imagem de “Jesus Cristo”, totalmente europeizada. Há, nessa passagem, um jogo maior de contradições, muito bem exploradas pela autora da obra, fazendo com que pessoas, aparentemente, alijadas da igreja cristã tradicional, logo, em “pecado”, pudessem se reconhecer por signos religiosos (uma rufiã que enxerga uma imagem divinal em um sodomita, neste caso).

A narradora não faz concessões quanto à sexualidade do personagem, a partir de certo ponto da trama. Entretanto o painel psicológico em torno do personagem vai sendo descortinado aos poucos, sobretudo na primeira parte do romance. Henri du Villiers é um homem atormentado por perdas, a mais significativa, a de seu irmão gêmeo, Gérard, que se lhe aparece como uma espécie de espectro, de

imaginação pueril, inicialmente, porém, o assombrando, ao longo do tempo (MORAES, 2010, p. 221-222).

— Gérard gostava de correr pelos campos, colhia braçadas de flores silvestres. Era tão bonita a primavera em Tours! Havia o tojo amarelo, o rosmaninho roxo, as brancas estevas...

[...]

— Foi um dia... num desses passeios... brincávamos de soltar papagaios, brigamos porque ele puxou o meu com muita força, rasgou o papel. Cheio de raiva, investi contra ele, dei-lhe um soco, ele revidou, então empurrei-o, não sabia que a terra estava solta à beira daquele precipício.

[...]

— [Ele] despencou pelo precipício. Apavorado, olhei para baixo e tudo era silêncio, negro, insondável.

[...]

— Gritei por ele num total desespero. E o silêncio era total, aterrador.

[...]

— Fatalidade, disseram todos. Eu repetia aos gritos: "Não tive culpa, não me culpem!" Minha mãe me abraçava me dizendo que era lógico, a culpa não foi minha. Minha avó... ela sabia, olhava-me profundamente... parecia censurar-me.

Interessante, aqui, o uso do "duplo": Neida Lúcia não explora a sexualidade dos meninos. Uma passagem que nos faz pensar, também, no narcísico, como forma de manifestação do desejo: há, ao mesmo tempo, uma fixação pela própria imagem, ainda que haja, ao lado do *eros*, um *tanato*. Henri, ao causar o "acidente" que tira a vida de Gérard, queria, ele também, dar cabo do seu próprio desejo? Perceba que a incompletude (ou o duplo pecado da culpa: assassinato ou sodomia?) vai assombrar o personagem, ao longo de toda a narrativa (MORAES, 2010, p. 136-137):

Ninguém conseguira entender o motivo da prisão de Gonçalo. Só depois ficaram sabendo que ele era judeu e praticante, de há muito procurado pela igreja católica. E que proclamava não acreditar que Jesus Cristo era o messias.

Aliviados, os invasores franceses continuaram com seus planos e reuniões secretas.

Mas Henri não participava desse alívio. Ficara muito amigo de Gonçalo, gostava sinceramente dele. Desde que o vira a primeira vez surpreendera-se com uma lembrança muito viva do seu irmão Gérard, companheiro inseparável na infância tão distante. Sentia falta das longas conversas com Gonçalo, admirava a sua lealdade com os amigos Nuno e Mariana.

Ou seja, esse afeto jamais irá deixá-lo, assombrando-o. Como uma mácula, uma batalha que, desde já, sabe-se perdida: é impossível fugir do próprio desejo. Henri é, logo, condenado a replicar a cena, verdadeiro trabalho de Sísifo (MORAES, op. cit., p. 180):

Por que sua vida era marcada pela ausência de pessoas queridas? Primeiro o irmão, naquele dia tão longínquo em Tours, o frio do inverno rigoroso, a neve salpicando de branco o contorno dos caminhos.

Depois, o colega de classe de pele macia como a de uma jovem, partindo com os pais para uma viagem sem retorno. Mais tarde, Gonçalo, companheiro de longas conversas e longas caminhadas, a sua ideia meio absurda, meio mítica que Gérard devia se parecer com ele.

A imagem de Gonçalo como próxima a de seu irmão gêmeo e, logo, de si, também poderia se pensar em uma imagem do desejo entre iguais, mesmo que esta crença, em si, seja posta em dúvida pelo mesmo personagem. A autora também o reforça em outra passagem, sobre Diogo, que, após perseguição, passa a se chamar Gonçalo, a saber (MORAES, 2010, p. 221):

— E teu irmão? Falaste-nos tanto dele! Parece-se com o Diogo, não é?

— Será? — perguntou ele, olhando para longe — nem sei bem, talvez. Penso agora que foi uma ilusão meio mítica, meio sem pé nem cabeça. Minha amizade por Diogo era tão grande, a admiração mais ainda. Acho que foi uma transposição, percebes?

— Mas dissestes que a maneira de falar, até a cor dos olhos e dos cabelos...

— Há tantos anos não vejo Gérard! A não ser, lógico, nos meus pensamentos, na vívida recordação que ele me deixou.

É possível notar, inclusive, um certo desejo de Henri com relação a Gonçalo, ainda que este fosse heterossexual.

A expressão do desejo sexual de Henri du Villiers é, aliás, um produto da adolescência. O personagem tem uma consciência precoce deste estado de coisas (MORAES, 2010, p. 181):

Na escola, adolescente ainda no Maranhão, não tinha amigos, comia a broa feita pela mãe, no recreio solitário. Preferia, quando muito, a brincadeira das meninas, eram menos brutas, menos disparatadas.

E, mais tarde, o colega de pele muito alva, uma auréola de cabelos anelados, as mãos entrelaçadas debaixo da cadeira.

Aqui, a autora descortina, por completo, a homossexualidade do personagem, dando remate a esse mesmo quadro psicológico pintado ao longo da trama. Vê-se, na passagem acima, que Henri possui traços que o aproximam muito mais do feminino, considerado mais delicado, menos violento. Henri du Villiers está, portanto, mais conectado ao arquétipo do feminino, reforçado, também, por sua aparência angelical, feminilizada, andrógina, até: ele, o homem de cabelos anelados, aparência crística, logo, de pureza, ligada a uma espécie de sagrado e que, nesta passagem, repete o mesmo objeto de desejo: “o colega de pele muito alva, de cabelos anelados”. Mais uma vez, uma imagem que vai persegui-lo, guiando o seu desejo. Uma busca narcísica? Ou a necessidade de cancelar sua sexualidade de uma forma que se conectasse muito mais com a pureza do que com um discurso religioso de antinaturalidade?

O aspecto, aparentemente, frágil de Henri du Villiers, não o impede de ter uma posição de destaque ao longo da trama: é ele quem faz a ponte entre os conspiracionistas, ou seja, os franceses, e os “hereges”, como o caso de Nuno, personagem principal. Sua presença é cheia de “bravura” e, ainda que, aparentemente, Du Villiers não pegue em armas, sua presença na chamada “Organização” é de vital importância para o sucesso (ainda que pontual) da

empreitada francesa no Rio de Janeiro, a ponto de Duguay-Trouin⁷, em pessoa, convidá-lo para fazer parte dos seus homens (MORAES, 2010, p. 202):

Os franceses festejaram com gritos e vivas o acontecimento. Henri correu a contar as novidades a Bernardina. A 4 de novembro, Duguay-Trouin recebia a última prestação do resgate, começando os preparativos da partida.

— Volte conosco — insistiu com Henri.

— Não posso, tenho um trabalho próspero na cidade, muitos compromissos e uma mulher no meu coração.

O corsário riu alto.

Aqui, uma reflexão: quem seria essa “mulher”? Bernardina, a dona da pensão? Rosário, a prostituta que, inicialmente, tenta aproximar-se dele, sem sucesso? É sabido que Henri, a despeito do estranhamento inicial, criou laços com as mulheres do local, protegendo-as, até (dada, inclusive, a periculosidade de suas ações conspiratórias). Henri du Villiers poderia muito bem ter usado uma forma de esconder os seus desejos, algo, aliás, muito comum por muitos sodomitas e homossexuais temerosos de sofrer qualquer sorte de discriminação ou até de violência contra si, inclusive, atualmente. O riso do corsário também pode evocar um duplo sentido: de aprovação ou de ironia chiste. Conseguiria Henri esconder tão bem a sua própria sexualidade?

Enquanto na primeira parte do romance, Neida Lúcia Moraes vai delineando uma paleta de características físicas e psicológicas de seus personagens, na segunda, a autora concentra-se na ação. É quando o personagem principal Nuno vai ser julgado e sentenciado pelo Tribunal do Santo Ofício, tal como se observa em um dos documentos trazidos pela escritora para fundamentar ilustrar seu livro. O núcleo secundário dos conspiracionistas também sofre uma bela movimentação, tendo protagonismo de Henri du Villiers, que volta à sua França natal, para ter

⁷ René Duguay-Trouin (1673-1736) foi um corsário francês do reinado de Luís XIV que, em setembro de 1711, tomou de assalto a cidade do Rio de Janeiro, exigindo resgate pela Coroa Portuguesa, pago no dia 28 de outubro daquele ano (BRASILIANA, 2017-).

com os amigos franceses Daniel e Claude (nome novo adotado por Gonçalo). É nesta parte que a autora permite ao leitor descobrir um dos afetos do personagem, talvez, o maior deles (MORAES, 2010, p. 353-354):

Conheceu Jean Baptiste, anos mais tarde, na Organização de Espionagem. Tivera uma série de aventuras passageiras, frustrantes. Com Jean fora diferente. Uma atração intensa, recíproca.

Jean era casado, imposição familiar. Logo se deram conta, ele e a mulher, do equívoco daquela união. Por algum tempo haviam conseguido manter as aparências, infelizes ambos. O casamento veio à derrocada, quando Jean conheceu Henri.

Um desejo consumado e, ao mesmo tempo, proibido. Henri e Jean Baptiste são protagonistas de um tempo em que a mínima consumação deste desejo ensejaria a morte. Aqui, um expediente encontrado até mesmo hoje: o casamento de aparências. Não há, em momento algum da trama, indício de que Henri tivesse mantido relação com o sexo oposto (a despeito do excerto que trouxemos acima). Jean Baptiste embarca em um “casamento de aparências”, capitulando à imposição familiar. Cedendo à pressão, ele dá uma “capa de respeitabilidade” à sua pessoa, no intuito de “não levantar suspeitas”, fomentando uma hipocrisia social que existe até hoje. Consecutivamente, trata-se de um amor impossível, ainda que não haja dúvida de que os dois mantêm uma relação tanto sexual quanto afetiva (MORAES, 2010, p. 352-353):

Mas Jean Baptiste estava abatido. Gostava de Henri, um relacionamento de muitos anos.

— Vou sofrer com a tua ausência. Não imagino a vida sem ti.

— Achas que devo ficar e enfrentar o que vier? Também sentirei imensa falta de ti.

Henri du Villiers sacrifica seu desejo em prol de uma causa. Tanto ele, quanto seu amado, sabiam, no fundo, da impossibilidade de viver esse desejo. Humanos, no entanto, ambos os personagens nos trazem a imagem do “apagamento” do desejo homossexual, ao longo da História. Com a impossibilidade de viver plenamente, portanto, du Villiers vai experienciar seu gozo de uma outra forma,

lutando para que o Brasil se tornasse uma colônia francesa, fato este que se mostra tão impossível quanto ter o direito à vivência plena da sua sexualidade.

Por um protagonismo *gay* na literatura do Espírito Santo

À sombra do holocausto, de Neida Lúcia Moraes, é, acima de tudo, um romance sobre o “não-lugar”. Tendo como pretexto os documentos encontrados sobre o julgamento de Nuno Alves Miranda, a autora vai além do “romance histórico”, tecendo uma trama que envolve “hereges”, judeus, prostitutas, estrangeiros e sodomitas — e, por que não dizer, de uma certa maneira, de hoje, também? Pessoas que vivem em uma sociedade falocêntrica e opressora, que lutam, à sua maneira, para existir em um mundo de papéis pré-estabelecidos, sobrevivendo muito mais do que, simplesmente, vivendo. Seres que, com seus corpos, podem ser aniquilados, a qualquer momento, por um poder instituído, religioso e intolerante à diversidade. Uma história narrada no século XVIII, mas que, em muito, se coaduna com o que tem acontecido neste princípio de século XXI.

Ademais, Neila Lúcia também dá voz aos invisibilizados, tendo no personagem Henri du Villiers o seu maior expoente. Du Villiers não é retratado, ao longo da trama, como um personagem coadjuvante. Em um país machista e homofóbico como o nosso, criar e dar voz a um personagem como este ajuda a derrubar barreiras de preconceito e, sobretudo, de invisibilidade LGBTQIAPN+, indo de encontro a discursos preconceituosos que negam a existência de LGBTs ao longo da História. Trata-se, claro, de um personagem fictício, porém, a composição de sua verossimilhança pode ser vista como a representação de tantos outros homens e mulheres lésbicas apagados ao longo do tempo.

Henri du Villiers é retratado, em última análise, de forma humana, com suas angústias, defeitos e qualidades. Não tão bom, nem tão mau, mas, sobretudo, humano. A forma com que ele dá vazão ao seu desejo não poderia ser dada a

conjuntura da época, nada muito além do que foi escrito. Du Villiers também vive o seu não-lugar, a sua luta por sobreviver nesta mesma sociedade opressora e machista. Só por isso, podemos afirmar a importância da obra, inscrevendo Neida Lúcia Moraes no rol das autoras que tiveram a coragem de retratar o discurso homoafetivo com dignidade, dentro de um bem-sucedido romance.

Referências:

ANDREWS, John (Org.). *O livro da história LGBTQIAPN+*. Tradução de Ana Rodrigues. Rio de Janeiro: Globo, 2024.

AULETE, Caldas. *Dicionário On-line de Português*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2022. Disponível em: <<https://aulete.com.br/homossexual>>. Acesso em: 27 set. 2025.

BRASILIANA Iconográfica. O sequestro do Rio de Janeiro pelos franceses. *Brasiliana iconográfica*. [Rio de Janeiro], 2017-. Disponível em: <<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/23421/o-sequestro-do-rio-de-janeiro-pelos-franceses>>. Acesso: 30 set. 25.

JUBINI, Vitor. *À sombra do holocausto* hoje no Centro Cultural Majestic. Neida Lúcia Moraes apresenta *À Sombra do Holocausto* no Café Literário Sesc. In: OUTROS 300 blogspot, Vitória, 2012. Disponível em: <<https://outros300.blogspot.com/2012/09/a-sombra-do-holocausto-hoje-no-centro.html>>. Acesso em: 27 set. 2025.

MORAES, Neida Lúcia. *À sombra do holocausto*. São Paulo: Lisa, 2010.

NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da literatura feita no Espírito Santo*. 2. ed. Vila Velha; Vitória; Cariacica: Estação Capixaba; Neples; Cândida, 2019. (Série Estação Capixaba, v. 20). Disponível em: <<https://blog.ufes.br/neples/files/2019/10/Mapa-da-literatura-brasileira-feita-no-ES-de-Reinaldo-Santos-Neves-1.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2025.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*. Vitória: Nemar, 1996.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Patronos e acadêmicos*. Serra: Formar, 2014.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo tecer breves comentários sobre a presença homossexual na obra *À sombra do holocausto*, de Neida Lúcia Moraes, por meio do personagem Henri du Villiers. Para tanto, utilizamos como um dos referenciais teóricos o livro *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*, de Francisco Aurelio Ribeiro (1996), à luz do qual comentaremos excertos da obra em que o personagem aparece. Concluimos que Neida Lúcia, ao criar e dar voz a um personagem sodomita, traz uma "presença homossexual", dando protagonismo ao francês, o que leva, também, à visibilidade e representação da população LGBTQIAPN+ no âmbito da literatura produzida no Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira – Espírito Santo. Neida Lúcia Moraes – *À sombra do holocausto*. *À sombra do holocausto* – Sodomia. Sodomia – Tema literário.

ABSTRACT: This work aims to briefly comment on the homosexual presence in the work *À sombra do holocausto* (In the Shadow of the Holocaust), by Neida Lúcia Moraes, through the character Henri du Villiers. To do so, I use as one of the theoretical references the book *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*, by Francisco Aurelio Ribeiro (1996), in light of which I will comment on excerpts from the work in which the character appears. I conclude that Neida Lúcia, by creating and giving a voice to a sodomite character, brings a "homosexual presence," giving protagonism to the Frenchman, which also leads to the visibility and representation of the LGBTQIAPN+ population within the scope of literature produced in Espírito Santo.

KEYWORDS: Brazilian Literature – Espírito Santo. Neida Lúcia Moraes – *À sombra do holocausto*. *À sombra do holocausto* – Sodomy. Sodomy – Literary Theme.

Recebido em: 3 de março de 2025
 Aprovado em: 10 de setembro de 2025